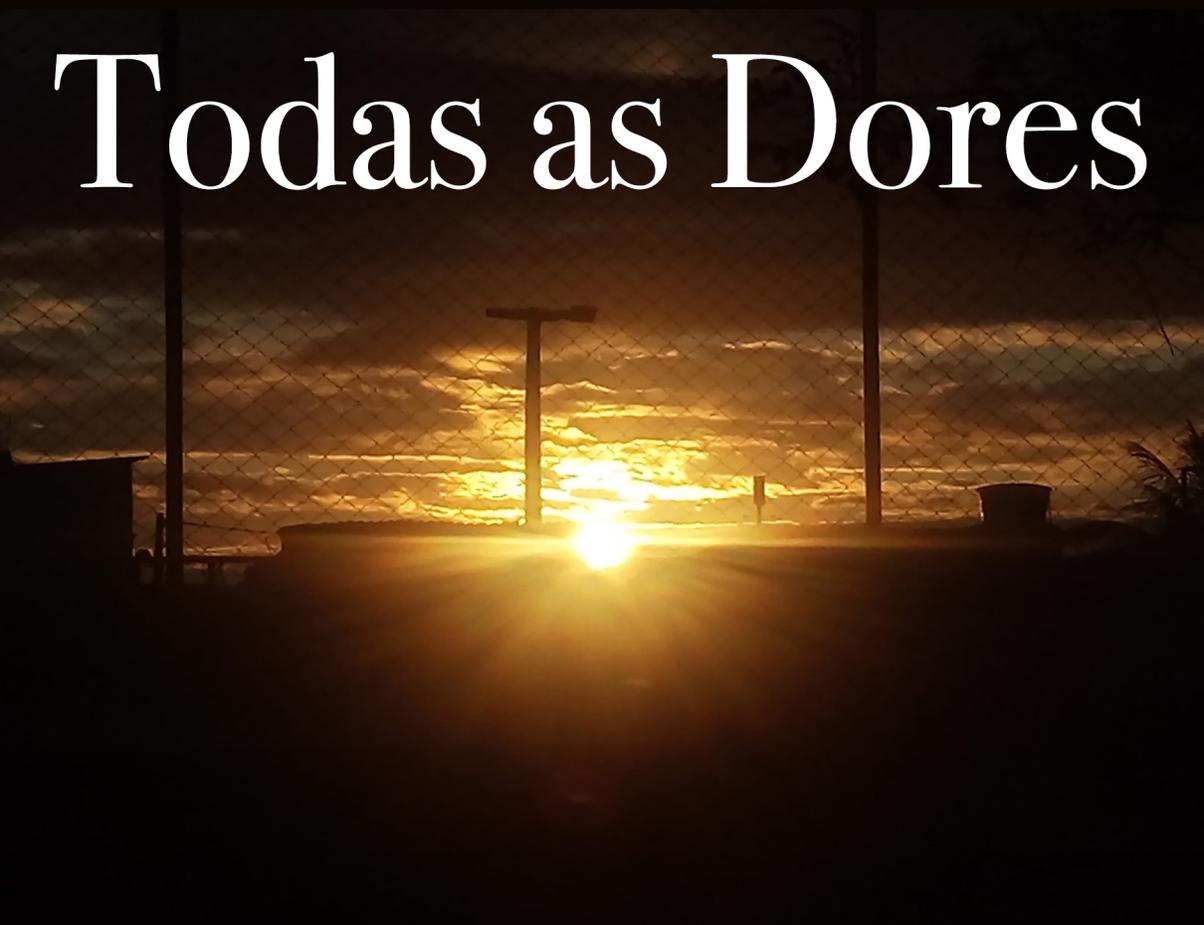


Telma Gomes

Todas as Dores



EJ Editora
UFPB

Todas as Dores

2011-2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Valdiney Veloso Gouveia
Reitor

Liana Filgueira Albuquerque
Vice-Reitora



Natanael Antônio dos Santos
Diretor Geral da Editora UFPB

Everton Silva do Nascimento
Coordenador do Setor de Administração

Gregório Ataíde Pereira Vasconcelos
Coordenador do Setor de Editoração

CONSELHO EDITORIAL

Cristiano das Neves Almeida (Ciências Exatas e da Natureza)

José Humberto Vilar da Silva (Ciências Agrárias)

Julio Afonso Sá de Pinho Neto (Ciências Sociais e Aplicadas)

Márcio André Veras Machado (Ciências Sociais e Aplicadas)

Maria de Fátima Alcântara Barros (Ciências da Saúde)

Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)

Elaine Cristina Cintra (Linguística e das Letras)

Regina Celi Mendes Pereira da Silva (Linguística e das Letras)

Ulrich Vasconcelos da Rocha Gomes (Ciências Biológicas)

Raphael Abrahão (Engenharias)

Editora filiada à



Telma Gomes

Todas as Dores

2011-2022

EDITORA UFPB

João Pessoa

2024

1ª Edição – 2024

E-book aprovado para publicação através do Edital nº 02/2022 – Editora UFPB.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio.
A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do código penal.

O CONTEÚDO DESTA PUBLICAÇÃO, SEU TEOR, SUA REVISÃO E SUA NORMALIZAÇÃO
SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DO(S) AUTOR(ES).

Foto e Projeto de Capa · **Telma Gomes**

Catálogo na fonte: **Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba**

C633t Gomes, Telma
 Todas as Dores : 2011-2022 [recurso eletrônico] / Telma Gomes.
 - Dados eletrônicos - João Pessoa : Editora UFPB, 2024.

Ebook.
Modo de acesso : <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press/>
ISBN: 978-65-5942-256-2

1. Poemas. 2. Literatura brasileira. I. Título.

UFPB/BC

CDU 342.7

OS DIREITOS DE PROPRIEDADE DESTA EDIÇÃO SÃO RESERVADOS À:



Cidade Universitária, Campus I
Prédio da Editora Universitária, s/n
João Pessoa – PB CEP 58.051-970
<http://www.editora.ufpb.br> E-mail: editora@ufpb.br Fone: (83) 3216.7147

Dedico à Antônia das Dores de Sousa,
minha avó materna
(In memoriam)

“Que Deus faça de mim, quando eu morrer.
Quando eu partir para o País da Luz,
A sombra calma de um entardecer.”

Florbela Espanca

sumário

Prefácio 11

I DORES DO LUTO

Saudades de você 16

Dor 17

Necessito do luto 18

Voz da Maré 19

Lembrança 20

O adeus ao quadrilheiro 21

(In)certeza 22

A morte 23

Entardecer 24

Conversa 26

II

DORES DA DESILUSÃO

Passado 30

Vai... 31

Partido 32

O tempo... 33

Arrependimentos 34

Desalento 35

Desgostos 36

Leve 37

Só amo 38

Sem amor 39

Fé 40

Separação 41

III

DORES DA ANGÚSTIA

Aquela 42

Despedida 46

Abstinência de você 47

Guerra Interna 48

Essa Angústia 49

Sufoco 50

Desordem 51

Inquietude 52

Ausência 53

Confusão 54

Espera 55

Amanhecer 56

IV

DORES DA DESCRENÇA

Suplicação 60

Farsas 62

Blasfêmia 63

Não sei! 64

Rascunho 66

Infelicidade 68

Nada... 69

Fome 71

Só sigo 72

(D)esperançada 73

Desenganadas 75

Vazia 76

prefácio

Todas as Dores é um mergulho sob a experiência com a dor humana. Os poemas nascem de diferentes vivências pessoais e sociais, ora o *eu lírico* se confunde com a autora, como em *Saudades de Você* – que expressa a ausência, em mais um aniversário, de sua avó materna, Antônia das Dores de Sousa, a quem esta obra tem sua principal dedicatória. Ou ainda, o *eu lírico* coincide com qualquer personagem social, como em *Entardecer* que expressa o repúdio a violência doméstica.

Esta obra presta então uma homenagem à vozes que adormeceram devido ao adoecer físico e envelhecimento; e à vozes que silenciaram em razão do adoecer social e a violência. Mas também *Todas as dores* expressa as decepções, as angústias e as descrenças que afligem o ser humano.

A obra traz ainda epígrafes com poemas escritos por *Floribela Espanca* e *Cecília Meireles*, como uma homenagem a memória dessas poetisas que inspiraram esta autora. Pois, a criação literária sempre bebe em outras fontes.

É importante contextualizar a construção desta obra, como um todo significativo, pois, a ideia de organizá-la surgiu durante o período de isolamento social em decorrência da *pandemia* ocasionada pelo *Covid-9*. Esse cenário desencadeou a manifestação de diferentes emoções diante da iminência da morte, dos distanciamentos, das convivências online, etc.

Todas as Dores

E, por outro lado, oportunizou expressá-las em forma de poemas. Essas emoções refletem a fragilidade em tempos tão incertos, vivenciados, nos últimos anos, motivando a expressão dessas dores que corroem não apenas nossos corpos e mentes, mas, sobretudo, nossas almas.

Expressar a dor é uma maneira de libertação daquilo que incomoda, seja pessoal ou socialmente; e, também, dar voz àquilo que se tem empatia, não no sentido de se reconhecer, e sim se colocar no lugar do outro.

É assim que o *eu lírico*, desta obra, se move entre si mesma e os outros. Porque esta autora acredita nesse olhar para o outro. Um olhar que se confunde consigo mesma em uma comunhão que, às vezes, mesmo sendo dores de outros também são suas dores e *vice-versa*.

É nesse sentido que me arrisco em expressar a dor para dar voz àquilo que faz sermos quem somos. Porque nada somos sem a dor. A dor faz parte do ser humano. Desde o nascer, os primeiros passos, a primeira queda, o primeiro dente, o primeiro “não”, a primeira desilusão, o primeiro luto até a própria morte. Tudo aquilo que faz o humano é dor. Não existe vida sem dor.

A obra está escrita em quatro seções, são elas: *Dores do Luto*, *Dores da Desilusão*, *Dores da Angústia* e *Dores da Descrença*. Na seção *Dores do Luto*, temos dez poemas com ou sem dedicatória. Esses poemas expressam a dor pela ausência de alguém estimado, ou ainda, a empatia do *eu lírico* pela perda sofrida por outrem como quando se despede do quadrilheiro.

A seção *Dores da Desilusão* traz doze poemas nos quais se expressam a desilusão amorosa, a solidão humana, os arrependimentos após as dores vivenciadas. Aquelas dores que mudam os rumos da vida

Todas as Dores

de uma pessoa. São as dores decorrentes das decepções, das dificuldades enfrentadas cotidianamente por estarmos em /entre relações.

A seção *Dores da Angústia* é composta por doze poemas que dão voz a um *eu lírico* imerso em sua dor interior. É a dor mais profunda, que atormenta os pensamentos, tira o sono, a fome, o equilíbrio. É a dor mais íntima, não compartilhada. É a dor da insanidade, dos atos impulsivos, da desordem, da confusão do *eu*. É a dor pela qual passamos e saímos sem que nos compreendam e, às vezes, sem perceberem a estarmos sofrendo.

E, finalmente, a seção *Dores da Descrença*, também composta por doze poemas, que traz a dor pela ausência de fé em si mesmo, nos outros, na vida e em deuses. É a dor da alma, do espírito que não crer em nada mais. É a dor de quem tudo perdeu ou assim sente. É a expressão de um *eu lírico* endurecido emocionalmente para sobreviver.

É expressando essas dores que nasce esta obra poética. Agradeço a minha avó Dora por despertar em mim, essa mulher escritora capaz de expressar as dores humanas com criatividade, empatia, sentimentos e liberdade. Foi perdê-la, após seu falecimento, que surgiu esse olhar para a expressão da dor. Inicialmente, a dor pelo luto e, mais tarde, pelas outras dores. A senhora, minha avó, dedico: *Todas as Dores*.

25 de outubro de 2022

A autora

I Dores do Luto

“Agora é como depois de um enterro.
Deixa-me neste leito, do tamanho do meu
corpo, junto à parede lisa, de onde
brota um sono vazio.”

Cecília Meireles

Saudades de você

A Antonia das Dores (*In memoriam*)

Sim, ainda sinto saudades de você!

Seu sorriso irônico,

Seus dedos longos e pontiagudos,

Suas tranças crespas e grisalhas,

Seu caminhar marcado,

Seu olhar triste e severo,

Tudo, hoje, faz lembrar de você...

a data,

o vento fresco,

o céu nublado,

o terraço enfeitado,

a terra molhada,

a lágrima caindo.

E acredito que será assim,

enquanto eu viver.

Dor

Ela me persegue,
Dia e noite,
Noite e dia.

Ela me persegue,
Quando ocupada
Ou distraída.

Ela me persegue
pelas ruas,
pelas redes.

Ela me persegue:
a Dor.

Necessito do luto

Eu necessito do Luto...
Desfazer-me da dor,
Desfazer-me do passado,
Desapegar!
Eu necessito do Luto...
Levantar,
Recomeçar,
E seguir...
Porque a vida não espera,
O tempo não pára,
O choro não devolve,
E o vazio não acaba.
Eu necessito do Luto,
E viver.

Voz da Maré

Tentaram calar a Negra da Maré
Mas lhe deram mais Voz
Porque forte ela é!
Sua Voz ecoou da Favela a Câmara
Seu Grito inundou o país e o mundo.

É preto! É branco! É pardo!
É índio! É carioca! É nordestino!
É sulista! É brasileiro! É estrangeiro!
Não importa!

Todos choramos,
indignamos
E lutamos.
Sua Vida não foi em vão.
Sua Voz não será calada.

É preto! É branco! É pardo!
É índio! É carioca! É nordestino!
É sulista! É brasileiro! É estrangeiro!
Não importa!

Todos queremos Justiça,
Liberdade
e Democracia.
Sua Vida não foi em vão.
Sua Voz não será calada.

Lembrança

Ao Erotildes (*In memoriam*)

És agora lembrança!
Foram dias e noites de despedidas e dores.
Te velamos em vida
Entre preces de amor e angústia.
Nossos corações choraram.
Nossas almas clamaram
Por uma partida breve e leve.
Mas tu querias ficar.
Talvez, mais um café,
uma conversa fiada,
uma resmungada,
uma reunião em família.
Ou quem sabe um bisneto?!
Acabou o tempo.
Foi chegada a tua hora,
E não pudemos mais prologar a dor.
Que o adeus seja breve,
Já choramos!
Que toda dor se dissipe,
Já sofremos!
Que a brisa de maio acalente nossos espíritos,
Já oramos!
Que sigas teu caminho,
e sigamos os nossos!
Mas não te esqueças,
nós te amamos!

O adeus ao quadrilheiro

Ao José Pedro (*In memoriam*)

O amanhecer foi cinzento
Comovido com a partida
Do eterno quadrilheiro.

O céu rangiu tambores
E chorou levemente
Em sua despedida.

Sua ausência
Não passará despercebida
Pelos pedestres que entrarem no bairro
A primeira à esquerda.

Sua presença
Permanecerá forte nos corações
Dos amigos
E da comunidade quadrilheira.

Sua história
Continuará seu caminho
Nas atitudes de seus filhos,
No bailar de sua quadrilha.

(In)certeza

A Ana Maria (*In memoriam*)

O fim é certo.
Mas não esperado.
Talvez pelo inesperado,
Seja tão incerto,
Como tudo o quê vivemos.
Embora o viver,
Seja uma escolha.
A morte é independente dela.
Sempre encontramos o Destino,
Seja qual for o caminho.
Tudo nos levará para o Fim,
E uma vez Lá,
Nada mais nos pertence.

A morte

Ao Augusto (*In memoriam*)

Caminhos dolorosos.
Tantas foram as perdas,
Que o coração nem sente mais.
Palavras não foram ditas.
Vozes silenciaram.
Luzes se apagaram.
Olhos se fecharam.
A morte é um destino certo.
Levou parte da infância.
Endureceu um pouco mais o coração.
Só resta a esperança de que ela seja
o início do fim do sofrimento.
E nada mais.

Entardecer

O nome ecoa nas redes sociais,
De amado a foragido, procurado, assassino,
Por motivo banal sufocou a voz que “amava”.

Que “amor” é esse?

Que silencia?

Que priva?

Que mata?

Que amor?!

Ao entardecer a voz foi silenciada,
Seus gritos não foram ouvidos,
Sua luta foi solitária.

Que “amor” é esse?

Que silencia?

Que priva?

Que mata?

Que amor?!

As redes clamam, choram, divulgam,
Os amigos não creem, relembram, homenageiam,
A família sofre.

Que “amor” é esse?

Que silencia?

Que priva?

Que mata?

Que amor?!

Ontem juras, saudade, sorrisos pela rede.

Hoje incompreensão, lembranças, lágrimas.

Amanhã ausência, silêncio, dor.

Que “amor” é esse?

Que silencia?

Que priva?

Que mata?

Que amor?!!

Conversa

Ao Filomeno, Batista (*In memoriam*)

Talvez não me reconheças mais,
Não sou mais aquela menina,
Não sonho mais como outrora,
Não dou mais gargalhadas,
Não acredito mais em ninguém.

Sim, eu mudei!
Eles me mudaram,
Arrancaram meu coração,
Assassinaram minha fé.
Mas ainda estou de pé,
Embora a confiança tenham me levado.

Sim, eu mudei!
O tempo me mudou,
Tirou o meu melhor,
Minha vontade de viver.
Mas ainda estou de pé,
Embora a alegria tenham me tomado.

Sim, eu mudei!
Porque não tive escolha,
Fiz o que precisei,
Mantive o que pude.
Mas ainda estou de pé,
Embora a esperança tenham me roubado.

II

Dores da Desilusão

“Árvores! Corações, almas que choram,
Almas iguais à minha, almas que imploram
Em vão remédio para tanta mágoa!”

Florbela Espanca

Passado

Precisei...

Que segurasse minha mão,
Que acreditasse em mim,
Que seguisse ao meu lado.

Precisei...

De um pai,
De um amigo,
De um amor.

Precisei...

Que me protegesse do mal,
Que me apoiasse na dor,
Que me acolhesse em tua vida.

Precisei...

De proteção,
De apoio,
De abrigo.

Precisei!!...

Nada mais preciso!!

Vai...

Vai... vai e amas!!!...
Beija outras bocas,
Goza em outras camas.

Vai... vai e amas!!!...
Aquece teu corpo,
Acalma tua solidão.

Vai... vai e amas!!!...
Ama o que não é teu,
Ama quem não sou eu.

Vai... vai e amas!!!..
Deixa o que é teu só,
Deixa só eu.

Vai...vai e amas!!!
Ama o que podes amar,
Ama quem está a mão.

Vai... vai e amas!!!

Partido

Um coração partido,
Não consegue pulsar,
Sufoca, cala, pára.
Não consigo respirar!

Um coração partido,
Não consegue crer,
Sufoca, chora, pára.
Não consigo suportar!

Um coração partido,
Não consegue seguir,
Sufoca, fecha, pára.
Não consigo mais amar!

O tempo...

Esperai demais,
Sonhei acordada,
Desejei sem o tato, o cheiro, o sabor...

Esperai demais,
Acreditei em palavras ao vento,
Iludida por um olhar sedutor...

Esperai demais,
Fui levada pela corrente,
Deixada para trás...

Esperai demais,
Que fostes honrado
E digno de meu amor.

Esperai demais,
De um covarde,
Traidor.
Esperai demais!!!

Arrependimentos

me arrependo...

De toda vez que amei...

que confiei,

que acreditei,

me arrependo!

me arrependo...

De todas juras de amor..

das trocas de calor,

das noites em claro,

me arrependo!

me arrependo...

De todos sonhos a dois...

dos planos,

dos desejos,

me arrependo!

me arrependo...

De tudo o que vivemos...

de cada instante ao teu lado,

de cada beijo,

de cada gozo,

me arrependo!!

Desalento

E o “Príncipe”
Se fez sapo
Nem mais, nem menos
Que qualquer outro.

E o querer
Se esvaiu dele.
Sem amor, sem esperança
Só um desalento.

Desgostos

A boca silencia a alma...

O corpo grita.

A boca cala o desespero...

O corpo somatiza.

A boca engole a revolta...

O corpo aleija.

A boca tolera o outro...

O corpo destrói.

Oh, reprimir que esfacela!

Oh, reprimir que mata!

Oh, terrível mazela!

Que guardo em minha alma.

Leve

Leve Solidão!...
Tu não me deixastes,
nem tão pouco o amor,
embora em silêncio.

Leve Saudade!...
Tu não me deixastes,
nem tão pouco o amor,
mas está distante.

Leve Tristeza!...
Tu não me deixastes,
nem tão pouco o amor,
mas amo sozinha.

Leve!!!...
A Solidão.
A Saudade.
A Tristeza.

Leve!!!...

Só amo

Eu não tenho um amor,
Sou sozinha,
Eu não tenho um amor,
Só a mim,
Eu não tenho um amor,
Sigo meu caminho,
Eu não tenho um amor,
Só amo.

Sem amor

Palavras ao vento,
Não sentidas,
Não vivenciadas.
Abraços perdidos,
Lágrimas ocultadas,
Sorrisos apagados,
Dias tristes,
Noites vazias.
Tua ausência trouxe o frio,
Tornou a alma gélida,
Apunhalou o peito,
O medo invadiu,
A solidão tomou conta,
A dor cobriu a face,
O sol não aqueceu.
Sensação de luto
pelo não vivenciado,
pela desistência antes da tentativa,
pela devoção não merecida.
Que os anjos escutem as minhas preces!!
Que eu reaprenda a viver,
sem amor,
sem você,
sem mim.

Fé

Acreditei...
em seu sorriso,
em seu olhar,
em seu amor,
Acreditei em nós dois.

Acreditei...
Que você viria para mim,
Que poderíamos ser apenas um,
Que teu peito acolheria o meu coração,
Acreditei em devoção.

Acreditei...
Que esperarias por mim,
Que o tempo não havia nos separado,
Que seu corpo desejava unir-se ao meu,
Acreditei em comunhão.

Acreditei em vão...
na ilusão,
no impossível,
no amor.

Separação

Reclamação.

Acusação.

Discussão.

Distância.

Intolerância.

Desrespeito.

Receio.

Rompimento.

Os indícios anunciavam.

A separação era inevitável.

Não dar mais para nós dois.

Continuar seria tolice.

Nada mais deve ser dito.

O silêncio é a única resposta.

Aceitemos mais um fracasso.

Não me procure!

Não te procurarei!

Siga o seu caminho!

Seguirei o meu também!

Não olhe para trás!

Não olharei!

III

Dores
da
Angústia

“A maior pena que eu tenho,
punhal de prata,
não é de me ver morrendo,
mas saber quem me mata.”

Cecília Meireles

Aquela

Acordei com saudade de você,
Aquela saudade que me prende na cama,
Aquela saudade que dói e entristece,
Aquela saudade!

A cabeça dormente,
Um frio de congelar os ossos e a alma,
A boca seca e amarga,
Os olhos cansados e entreabertos,
E aquela saudade!

Aquela saudade que arrebenta,
Aquela saudade que esfácela por dentro,
Aquela saudade que atormenta,
Aquela saudade!

A dor faz rolar, gemer, arrepiar...
E pensar que há pouco tempo,
Tudo era prazer, sonhos, desejos...
E, agora, só dor...
E aquela saudade!

Lá fora chove, venta, esfria,
E aqui dentro eu e aquela saudade,
Aquele saudade que me acompanha,
Que não me deixa,
Que sepulta em vida...
Aquele saudade!

Ela me paralisa,
Apaga todas as luzes,
Encobre o farol,
me deixa sem rumo,
me deixa sem leme,
me deixa à deriva...
Aquele saudade!

Despedida

Liguei!
Precisei te ouvir só mais uma vez,
Voz embargada,
Lágrimas nos olhos,
Mãos suadas,
Pés frios,
Coração apertado
E a sensação de que era...
a última vez.

Abstinência de você

Essa abstinência me castiga,
A mente perturba noite e dia...
O corpo dói...
Ansiedade... Sonolência... Tristeza... Apatia...
Falta-me foco...
Ando, rolo e alucino...
É falta da droga!... Eu sei!
Daquele prazer que (Des)equilibra,
Daquela euforia,
Da falsa alegria,
Do sentimento de recompensa,
É falta da droga!... Eu sei!
É a falta da droga.

Guerra Interna

Essa guerra interna não cessa,
não me permite um segundo de paz!

Essa guerra interna não cala,
não me deixa um instante sequer!

Essa guerra interna não dorme,
não me deixa dormir!

Essa guerra interna não se vai,
não me deixa partir!

Essa guerra!!...

Essa guerra não terá vencedores,
não sairei ileso, nem mais forte
e muito menos livre!

Essa guerra não terá fim,
não saíra de mim, nem eu dela
e seguiremos assim...

...eu e ela...

Essa Angústia

Essa angústia me rasga por dentro,
me aterroriza e cala.
Essa angústia me inquieta,
me pressiona e aprisiona.
Essa angústia me desorienta,
me desespera e enlouquece.
Essa angústia não me deixa,
me persegue dia e noite e madrugada.
Essa angústia me descaracteriza,
me limita e reduz.
Essa angústia me grita,
me aponta, me diminui.
Essa angústia!!!...

Sufoco

Sinto-me sem ar!
Sufocar instante a instante!
Será o Covid?!
Ou será a angústia domiciliar?!
Tantos pesadelos me assolam!
Tantos medos sem fim!
Tantos projetos em suspenso!
Cada momento,
requer alerta!
Cada instante,
uma eternidade!
Não sei se chegarei ao amanhã!
Nada sei!!...
Além da angústia em meu peito!
Será o Covid?!
Ou só a angústia me roubando o ar?!
Não sei se chegarei ao amanhã!
Não sei!!

Desordem

Essa inércia matinal,
Essa incerteza constante,
Essa revolta silenciosa,
Essa azia dilacerante,
Esse medo do nada,
Essa falta de tudo,
Esses pensamentos vagos,
Essa insônia torturante.

Inquietude

Essa inquietude em mim...

tem nome,

tem cheiro,

tem textura,

tem gosto,

tem até poesia,

tem saudade,

tem raiva,

tem melancolia.

Ausência

Longe de você,
Longe da alegria,
Longe de você,
Longe do amor,
Longe de você,
Longe de tudo,
De tudo que me faz bem,
De tudo que me faz amar,
De tudo que me faz ser,
Longe de você,
Longe de mim.

Confusão

Sentimentos conflituosos.
Desejos à flor da pele.
Pensamentos desencontrados.
Emoções sufocando a razão.
Trouxestes desequilíbrio.
Será o amor possível?!
Ou será a contemplação uma sina?!
Não encontro respostas.
Não vislumbro horizontes.
Não consigo também te esquecer.
Preciso sentir.
Preciso saber.
Preciso viver nós dois.

Espera

Sinto você distante,
Seu coração não está livre.

Sinto você exitante,
Seus sinais indicam incerteza.

Sinto você apreensivo,
Seus pensamentos trazem outro alguém.

Não intervirei!
A vida ensinou que em coração indeciso,
Amor não germina.

Aguardarei em silêncio,
Com a esperança de que sejas meu,
E talvez, amanhã, venhas para mim.

O tempo é seu...

Amanhecer

Falta-me o sono,
a paciência,
o amor,
você.

Na madrugada silenciosa
de repete se escuta o tecer da manhã
Os galos cantam,
Dialogam,
Anunciam a chegada de outro dia,
Com ele novas possibilidades
Talvez, um novo amor.
Mas...

Falta-me o sono,
a paciência,
o amor,
você.

Os galos calam,
o pensamento viaja,
o Natal se aproxima,
a esperança renova-se.

Mas ainda...

Falta-me o sono,
a paciência,
o amor,
você.

Com o canto,
a manhã,
o Natal,
a esperança,
a Fé.

Então...

Desabafo,
Explico,
Declaro,

Para tecermos nosso amanhã.

IV

Dores
da
Descrença

“Sou eu! Sou eu! A que nas mãos ansiosas
Prendeu da vida, assim como ninguém,
Os maus espinhos sem tocar nas rosas!”

Florabela Espanca

Suplicação

Roguei!...
Pedi por ti,
Por nós,
Por amor.
Mas Ele não me escutou!

Roguei!
Supliquei por proteção,
Por união,
Por compaixão.
Mas Ele não me escutou!

Roguei!...
Porque só pude rogar,
sem ninguém,
sem nada,
sem amor.

Roguei!...
Até a saudade calar,
Até a dor dissipar,
E o amor adormecer.

Roguei!...
Sem nada esperar,
Sem consolo alcançar,
Sem amor encontrar.

Roguei!!!...
Sem você,
Sem nós,
Sem Ele!

Roguei !!!..
Por ninguém!
Por nada!
Roguei para me libertar...
... De tudo que acreditei.

Farsas

Nas lombas,
Nos brejos,
Nos recifes,
Farsas, Farsas, Farsas !!!

Nas casas,
Nas cidades,
Nas redes,
Farsas, Farsas, Farsas !!!

Por toda parte
E o mundo inteiro.
Bufões vestem-se de cavaleiros,
Encenando suas farsas.

Abram bem os olhos!!
E por trás das máscaras do sorriso
Verão os palhaços,
os sapos,
e os farsantes.
Farsas, Farsas, Farsas !!!

Blasfêmia

Se Ele ouvisse minhas preces?!
Se conhecesse minha dor?!
Talvez, viesse em meu auxílio!
Talvez, estendesse Sua mão!
Mas Ele não atende meu clamor.
Não escuta meus gritos!
Não está aqui!
Não existe!
Estou sozinha.

Não sei!

Como van Gogh,
Não sei mais o que é real.

Se vejo,
Se sinto,
Se faço de fato.
Não sei mais!

Como Virginia,
Não suporto mais estar.
E, às vezes, nem ser.
Se sou, é obrigada,
Só não sei pelo quê,
Não sei mais!

Como Hemingway,
Não saio mais da guerra,
Se estou lá ou aqui,
Não importa,
Não consigo sair!
Não sei mais!

Como Florbela,
Não encontro mais paz,
Se sozinha ou acompanhada,
Não a encontro.
Não sei mais!

Não sei mais quem sou,
Nem suporto ser.
Não sei mais onde estou,
Nem quero estar.
Não sei mais!!
Não sei!!

Rascunho

Às vezes, me sinto
um rascunho de mim mesma.
Algo que precisa desenvolver,
(re)elaborar, corrigir, melhorar.

Às vezes, me sinto
um texto mal escrito.
Algo truncado,
desconectado, sem progressão.

Às vezes, me sinto
um gênero textual mal selecionado.
Algo sem estrutura,
sem função.

Às vezes, me sinto
uma poesia sem versos e rimas.
Uma prosa mal contada.

Às vezes, me sinto
menos que uma palavra.
Um monossílabo, talvez!

Às vezes, me sinto um rabisco,
Um projeto incluso,
Uma narrativa sem foco,
Apenas um rascunho de mim.

Infelicidade

Neta da Luxúria e da Irresponsabilidade,
Filha da Covardia e da Amargura,
Irmã da Culpa e da Acomodação,
Amante da Mentira,
Amiga da Indiferença,
Devota da Incerteza,
Eu Sou:
Infelicidade.

Nada...

Não!!!

Ninguém determina o que sou,
O que faço,
Ou deixo de fazer.

Não!!!

Não aceito julgamentos,
Nem conselhos,
E muito menos intervenções.

Não!!!

Não devo satisfação,
Não respondo a ninguém,
Não me submeto a nada.

Não !!!

Não espere por mim,
Não me siga,
Nem me procure.

Não !!!
Não temo a solidão,
Nem a pobreza,
Nem o esquecimento.

Não!!!
Não temo o sol,
Nem a chuva,
Nem a tormenta.

Não!!!
Não temo,
Nada que liberte,
Nada que me livre.

Fome

Nada mais me alimenta,
Nem a amizade,
Nem o amor,
Nem a vida,
Nada!!!

Nada mais além
Da mágoa,
Da dor,
Da morte,
Nada!!!

Só sigo

Sigo sem Fé,
Sem nada esperar,
Sem nada querer,
Sem nada.

Sigo sem amarras,
Sem nada a dizer,
Sem nada a fazer,
Sem nada.

Sigo sem porquê,
Sem nada a alcançar,
Sem nada a deixar,
Sem nada.

Só sigo.

(D)esperançada

A fé professada,
Hoje não diz nada
daquilo que nos uniu.
Como acreditar no amor,
se o tempo tudo muda,
tudo afasta, tudo acaba.

A fé professada,
Hoje entristece
um coração que já sorriu.
Porque amor para ti não é nada,
senão palavras sussurradas
para iludir.

A fé professada,
Hoje me distancia,
não apenas de ti.
Porque tuas (in)verdades
afastam do amor,
o coração que te sorriu.

A fé professada,
Hoje alimenta a descrença
de quem acreditava em ti.
Porque desistir
antes de tentar,
também é trair.

Desenganadas

Iludidas,
Abusadas,
Enganadas,
Roubadas,
Usadas.

Pobres mulheres distraídas,
Pobres mulheres desgraçadas,
Confiam em gestos falsos,
Acreditam em seres vis,
Amargam dores sem fim.

Vazia

Livre de tudo...
Do que prende,
Do que submete,
Do que incomoda,
Do que cobra.

Livre de tudo...
Dos estigmas,
Das ilusões,
Das mentiras,
Das imposições.

Livre de tudo...
Do que gerou,
Do que seduziu,
Do que revoltou,
Do que subjogou.

Livre de tudo...

Dos meus,

De você,

Deles,

De mim.

sobre a autora

Telma Cristina Gomes da Silva ou simplesmente **Telma Gomes**, nasceu em João Pessoa, capital paraibana, Brasil, em meados dos anos de 1970. Ela é uma educadora, linguista, pesquisadora da linguagem e ensino de língua portuguesa, revisora de textos, poetisa e, sobretudo, uma aprendiz. A autora possui formação acadêmica com graduação e mestrado em Letras e doutorado em Linguística obtidos pela Universidade Federal da Paraíba. E também pós-doutorado em Letras/Linguagem e Ensino obtido pela Universidade Federal de Campina Grande. No final de 1999, enquanto graduanda de Letras, ela participou de oficinas de leitura e escrita literária desenvolvendo sua escrita autoral. Mais tarde, com a leitura inspiradora de outras poetisas, juntamente, com a necessidade de expressar emoções e pensamentos, começou a trilhar o caminho de *Todas as Dores*. Essas dores são parte de seu amadurecimento, enquanto mulher escritora e ser humano. A dor é transformadora, quem a acolhe se fortalece.

Todas as Dores é um mergulho sob a experiência com a dor humana. Os poemas nascem de diferentes vivências pessoais e sociais. Ora o *eu lírico* se confunde com a autora, ora coincide com qualquer personagem social. A obra presta uma homenagem às vozes que adormeceram devido ao adoecer físico e envelhecimento; e às vozes que silenciaram em razão do adoecer social e a violência. Mas também *Todas as Dores* expressa as decepções, as angústias e as descrenças que afligem o ser humano. Esta obra é contextualizar no período de isolamento social em decorrência da *pandemia* ocasionada pelo *Covid-19*. Esse cenário desencadeou a manifestação de diferentes emoções diante da iminência da morte, dos distanciamentos, das convivências online, etc. E também oportunizou expressá-las em forma de poemas. Expressar a dor é uma maneira de libertação daquilo que incomoda e também de dar voz àquilo que se tem empatia, não no sentido de se reconhecer e sim se colocar no lugar do outro.

14 de junho de 2024

A autora